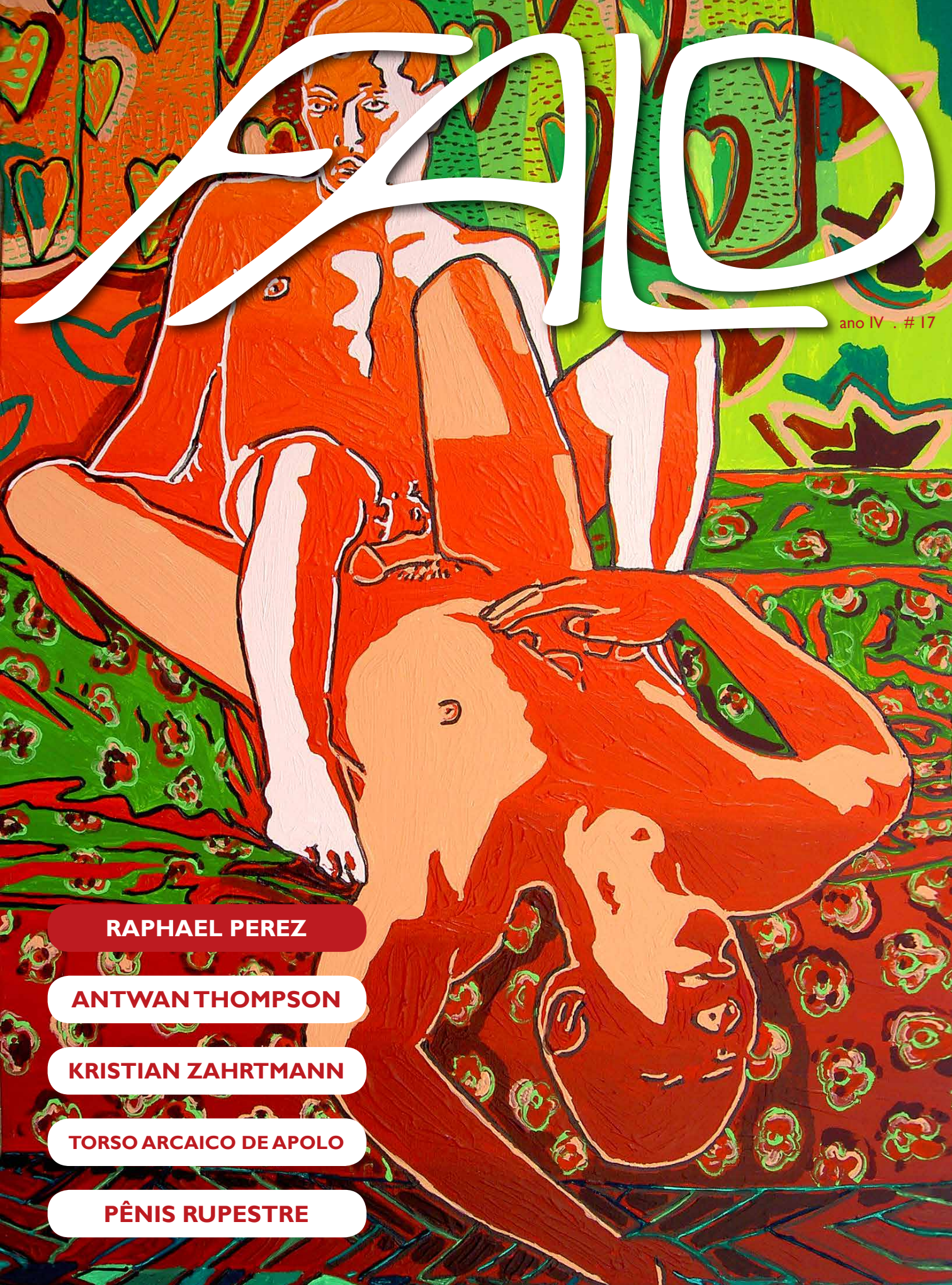
FALO

ano IV . # 17



RAPHAEL PEREZ

ANTWAN THOMPSON

KRISTIAN ZAHRTMANN

TORSO ARCAICO DE APOLO

PÊNIS RUPESTRE

FALO© é uma publicação bimestral.
maio 2021.
ISSN 2675-018X
versão 20.05.21

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme Correa e Rigle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Casal na cama*, acrílica sobre tela, de Raphael Perez, 2000.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (*falonart@gmail.com*) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com* e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail *falonart@gmail.com*.

FC Design
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000

Sumário

Raphael Perez 6
Antwan Thompson 20
FALO DE HISTÓRIA
Kristian Zahrtmann 32
FALO EM FOCO 43
ESPECIAL
Torso Arcaico de Apolo 44
FALORRAGIA
Pênis rupestre 46
FALÓFORO 54
BIBLIÓFALO
Nude men (Leopold Museum) 56
Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 60
FALO com VOCÊ 62
moNUmento 65

Editorial

Yes, nós temos bananas diversas!

Após uma edição focada na diversidade a partir de um ponto específico, resolvi fazer uma edição como um retorno às origens. Claro que também tinha um objetivo egoísta: voltar para um tempo que tudo era mais fácil. Ledo engano… Mesmo sem uma linha editorial única, trazer temáticas e artistas relevantes para uma revista estabelecida é bem mais complicado do que criar sem saber onde tudo vai dar.

Além disso, estou tendo que lidar com submissões de portfólios desde 2019. E isso não é fácil, minha gente. A abertura de submissão é, na verdade, uma imposição para obtenção de um selo acadêmico, e não uma necessidade da publicação, uma vez que, como criador/curador/editor, eu já faço a seleção. Porém, com a chegada de portfólios eu passo a ter três problemas: (1) ganho mais um serviço (análise de material); (2) caso o material seja interessante, o artista entra em uma fila e preciso arrumar espaço entre 10 artistas por ano (!!!); e (3) caso o material não seja relevante para a revista, preciso ser extremamente delicado e educado para não ferir a alma do artista e criar uma relação desagradável.

E você já sabe, né… Eu trabalho sozinho, blá blá blá. Preciso não só manter a diplomacia, como também ter o ímpeto de começar uma edição como se fosse do zero. Do zero não… como eu disse no início, o patamar está lá em cima. Nesta edição, então, você verá o projeto que já conhece, mais enxuto, com dois artistas contemporâneos, um artista da História, a minha coluna, um artigo especial, uma resenha, a coluna do Guilherme, a do Rigle, as ilustrações do Adão e do Marlon, além do *moNUmento*.

Aliás, não passem por essa edição sem ler a resenha! Em 2012, ocorreu um evento extremamente relevante não só para a revista, mas para todos os interessados em Arte: uma exposição que tratava somente sobre a nudez masculina! Então, acabei escrevendo muito mais sobre a exposição do que sobre o livro (que foi o catálogo da mostra). A ousadia da curadoria é exemplar.

Os dois artistas saíram de submissões de portfólio e, por si só, trazem toda a ideia de diversidade que eu pretendia. Enquanto um trabalha a descoberta de sua sexualidade em estilos técnicos (quase) opostos, o outro usa sua condição auditiva como manifesto fotográfico. Já o artista dinamarquês da coluna *Falo de História* precisou se estabelecer e ser reconhecido para pintar seus desejos mais íntimos.

Para a minha coluna falorrágica, resolvi voltar no tempo mesmo… para antes da escrita! Vou apresentar para vocês uma arte rupestre que pode ser o primeiro registro de um pênis na história da humanidade! E ainda por cima… ereto! E, para o artigo especial, escolhi uma poesia a partir de uma escultura apolínea, escrito pelo poeta tcheco Rilke e traduzido pelo nosso Manuel Bandeira.

Adão vem político; Marlon, feticheiro. Rigle fala sobre o vício em pornografia e Guilherme convidou um artista que criou uma atmosfera sacro-celestial em sua fotografia profana-mundana. Ou seja, é uma edição para todos os gostos!

Neste mês de maio – Mês da Masturbação* – faça como o *moNUmento* desta edição e goze!

Filipe Chagas, editor

* Leia mais sobre masturbação na sétima edição.

Nota sobre nudez:
Esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Raphael Perez

por Filipe Chagas

Raphael "Rafi" Perez nasceu na conservadora cidade de Jerusalém em 1965 e se mudou aos 30 anos para a liberal Tel Aviv. Essa mudança geográfica foi também uma mudança total de vida.

Casal na rua, acrílica sobre tela, 1999.

Desde pequeno, teve contato com as obras de grandes pintores, que seu pai apresentava para ele e seus irmãos. Em 1989, entrou para a Faculdade de Artes Visuais de Berseba e começou a pintar. Por 15 anos, trabalhou com crianças pré-escolares, definindo-se como um "educador que pintava como hobby".

Tendo como referência os pintores Henri Matisse, David Hockney e Nahum Gutman, Suas obras alternam entre um realismo cheio de contrastes sobre relacionamentos e amor ("desenhei casais heterossexuais com um olhar de relacionamentos incompletos quando me relacionava com mulheres") e um estilo naïf que aplicou, principalmente, em paisagens urbanas, inspirado pelas crianças com que trabalhou e por seus velhos cadernos

Os dois estilos, realista e naïf, são o eixo central do meu trabalho, mas dentro de cada um estou constantemente evoluindo e fazendo perguntas de uma obra de arte para outra.

Abraço, acrílica sobre tela, 1998.

Gays no porto de Tel Aviv, acrílica sobre tela, 2011.

Dizem que as obras de Rafi contribuem com um senso de identidade e pertencimento que a sociedade israelense sempre buscou, já que ele transforma cidades e comunidades em objetos de amor. Seu desejo de pintar a bela e moderna Tel Aviv – uma das cidades mais *gay friendly* do mundo – fez com que percebesse que era hora de aceitar seus impulsos, já que sempre viu o homem como "a beleza" e a mulher como "a força" ("na natureza, o pavão, o leão e outros animais, o macho é o glorioso e a fêmea faz o trabalho"). Aos 32 anos decidiu viver de sua arte e se denominou pintor, mantendo o realismo e o naïf como estilo em uma temática mais LGBT+. E, aos 37 anos, saiu do armário para sua família tradicional.

Dançando e beijando no teto de Tel Aviv, acrílica sobre tela, 2011.

O pintor e o modelo, acrílica sobre tela, 1999.

Eu fantasiava que em um relacionamento com uma mulher eu poderia voar no céu, amor. No entanto, eu estava engasgado, escondido atrás de uma máscara, como se houvesse um grito interno querendo sair.

A partir do momento em que a auto-opressão e a repressão cessaram, passou a se expressar em obras de grandes formatos e cores vivas, especialmente vermelho ("simboliza masculinidade, paixão e domínio"). Ele considera que sua visão inicial da vida gay era ingênua e idealista, mas, com o tempo, entendeu sua complexidade. Em busca de uma proximidade emocional em sua arte, a maioria de seus modelos são homens com quem se relacionou, porém aborda outros assuntos como casais, famílias LGBT+, ativistas e até mesmo soldados.

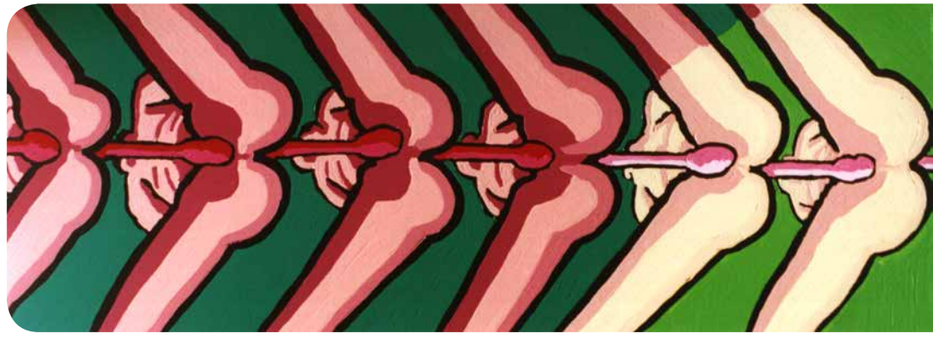
Para mim, o mais importante é descrever o mundo emocional que existe entre os casais. Quando se trata da pintura de um único personagem – que normalmente é meu parceiro –, então, me interesso pelas expressões de amor que existem entre nós, o retrato, o rosto e o corpo, é claro, mas sem ereção, porque o foco é a intimidade.

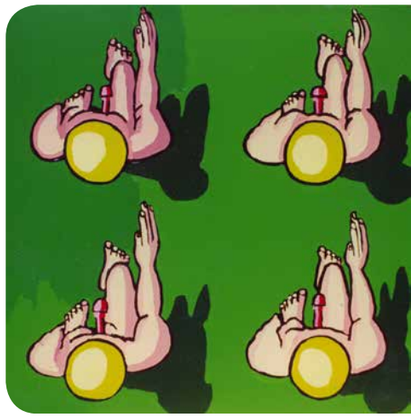
Kobi na cadeira (Sala Vermelha), acrílica sobre tela, 2000.

Eitan dormindo na cama, óleo sobre tela, 2000.

Casal, acrílica sobre tela, 2004.

Assaf, acrílica sobre tela, 2017.



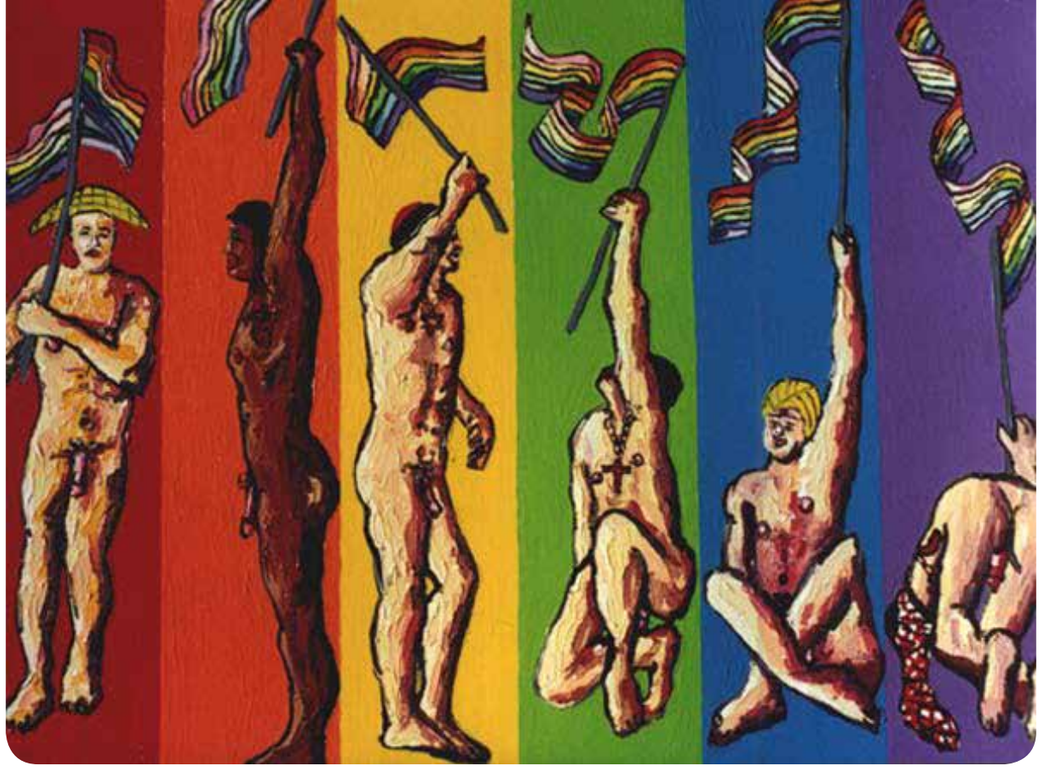


É interessante notar que a mudança geográfica também fez com que o artista enxergasse o Ocidente de forma tão liberal que, para ele, a nudez masculina é recebida de forma aberta e simpática hoje em dia. No entanto, ainda evita que sua mãe veja suas obras de cunho homoerótico, mesmo que descreva sua arte como "um reflexo de toda a comunidade gay."

Confronto.
Marcha após Matisse.
Soldados.
Fila de homens.
Parada masculina.
Exército.

Série *Marcha soldado* em acrílica sobre tela, 2003.

Casal no parque,
acrílica sobre tela, 1999.



Nação gay, acrílica sobre tela, 1999.

Planejando viver uma vida tranquila e criativa com seu amado, Rafi dá algumas dicas para aqueles que pretendem ser artistas:

1. Traga sua história pessoal.

2. Apresente pensamentos e o mundo emocional (expressão psicológica).

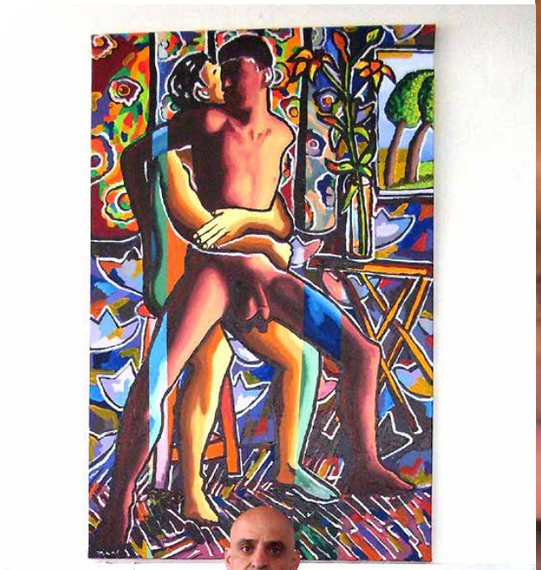
3. Promova uma ideia (expressão filosófica).

4. Considere o lugar onde você mora, pois cada ambiente é diferente e único (expressão física).

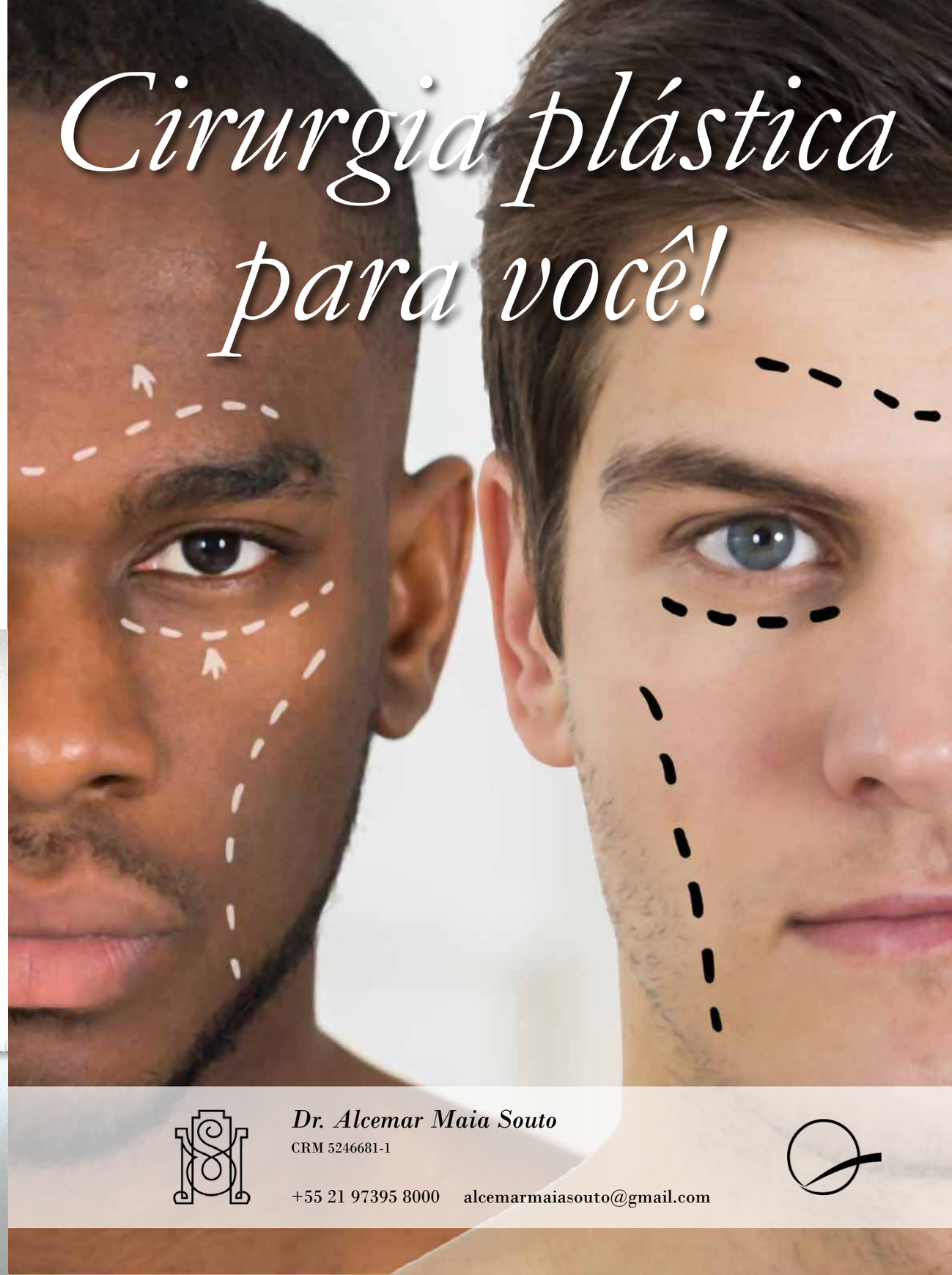
5. Seja relevante dentro de um contexto (expressão temporal).

6. Formule uma linguagem exclusiva para você e a mantenha em constante evolução.

Rafi acredita que assim é possível, de alguma forma, tocar a alma das pessoas. **8=D**



Rafi em seu estúdio (2012).



Antwan Thompson

por Filipe Chagas

Quando criança, Antwan Thompson estava sempre desenhando, escrevendo poesia e tirando fotos. A vitória em uma competição de fotografia em sua escola em Maryland acendeu a paixão do jovem artista por uma possível carreira, que começou com sua graduação em Fotografia pela Gallaudet University.

Com um estúdio na universidade, Antwan diz que vai aprendendo à medida que vai criando, inspirado em Robert Mapplethorpe e Herb Ritts. No início, lutou com a técnica, mas ficou confortável e passou a confiar no processo. Hoje usa câmeras diferentes para encontrar a "magia" da nudez masculina:

Tenho a oportunidade de aumentar a minha voz através da nudez. Essa é a minha arte.

Esse discurso ganha uma nova perspectiva ao sabermos que Antwan tem problemas de audição e prefere trabalhar com modelos surdos não só por causa da facilidade na comunicação (“uso ASL, a linguagem americana de sinais, e não preciso depender dos meus aparelhos auditivos”), mas também para mostrar a todos que pessoas com deficiência existem:

> *Quero mostrar que nós temos defeitos e imperfeições, mas somos igualmente desejáveis. Somos iguais em termos de apelo sexual. Nunca vi um surdo aparecer na capa da Playgirl. E mesmo que aparecesse ninguém saberia que ele é surdo! Temos um longo caminho a percorrer, e não podemos contar com Nyle DiMarco* para quebrar barreiras.*

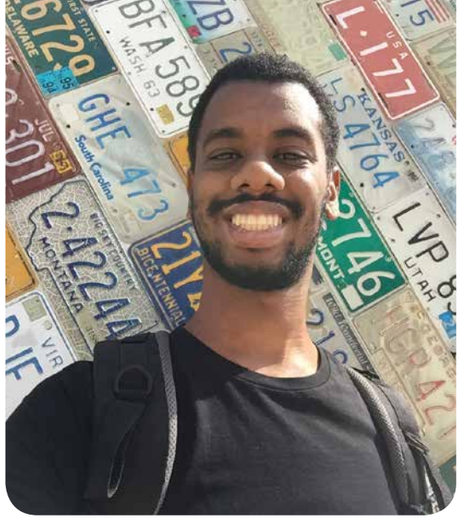
Quebrar barreiras, aliás, é a essência do fotógrafo. Vendo o excesso de atenção à nudez feminina e o fechamento do universo gay em publicações para corpos de padrão específico, Antwan passou a usar sua arte como manifesto em prol das pessoas de cor na comunidade LGBT+. Já escreveu para revistas para declarar sua posição contra essas injustiças sem querer anular ou ultrapassar qualquer outra identidade.

Seu processo de criação é baseado no cotidiano do modelo e no ambiente que busca trabalhar. As redes sociais também podem ser uma fonte de inspiração para explorar até onde os modelos que escolhe estão dispostos a ir.

* Nyle DiMarco é um modelo, ator e ativista surdo estadunidense. Em 2015, foi o segundo vencedor do sexo masculino e o primeiro surdo do *America's Next Top Model*. No ano seguinte, venceu a competição *Dancing with the Stars*.

Seleciono cuidadosamente com base no corpo e na mente aberta que eles são. Acho importante mostrar o corpo como ele é. Se o modelo estiver confortável para fazer nu frontal, eu ofereço a plataforma para isso. Sem forçar. Deixo que seja o mais natural possível.

Antwan vê um crescimento da aceitação da figura masculina como objeto de arte e até mesmo uma equiparação com a imagem feminina, mas sabe que ainda há muito a fazer, especialmente com as pautas que traz em seu trabalho. Enquanto espera melhores oportunidades, segue seus próprios conselhos de buscar melhores relacionamentos e espaços profissionais para estender os limites de sua Arte e da sociedade. **8=D**



Autorretrato.

E, então, identificou quem é surdo e quem não é?

FOR ARTISTS AND ART LOVERS

ONLINE GAY ART MAGAZINE

noisy Rain

qay art maqzine

WWW.NOISYRAIN.COM

Falo de História

por Felipe Chagas

Kristian Zahrtmann

1843-1917

Prometeu, óleo sobre tela, 1904.

Peder Henrik Kristian Zahrtmann (1843-1917) foi um pintor dinamarquês, conhecido especialmente por suas pinturas históricas. Fez parte da importante geração de pintores no final do século 19 que rompeu com as restrições do academicismo tradicional.

Nascido em Rønne, na ilha de Bornholm, era filho do médico-chefe da ilha e o mais velho entre sete meninos e duas meninas. Após a escola, foi enviado para a Sorø Academy, onde estudou por três anos com o pintor paisagista Johannes Georg Smith Harder (também conhecido como Hans Harder) e frequentava festas na casa do diretor da instituição, onde tinha a chance de conviver com outros professores e celebridades, como Hans Christian Andersen. Em 1863, estudou desenho, pintura de gênero e arquitetura em Copenhagen e, em outubro de 1864, entrou para a Royal Danish Academy of Art para ter aulas com os grandes mestres do país. Formou-se em 1868 e já expôs pela primeira vez no ano seguinte.

No seu aniversário de 26 anos, ganhou de seus amigos pintores Otto Haslund e Pietro Købke Krohn um livro biográfico sobre Leonora Christina Ulfeldt, trágica filha de um rei dinamarquês do século 17. Zahrtmann já era interessado pela história da nobre donzela que caiu em desgraça após uma alta traição de seu marido e ficou confinada por 22 anos na Torre Azul (Blåtårn) no Castelo de Copenhague, passando seus últimos anos na solidão do Monastério de Maribo. Em homenagem, o pintor criou uma série de 18 grandes obras ao longo dos anos que lhe renderam prêmios e estabeleceram sua reputação.

Leonora Christina na prisão (1875) e *Leonora Christina no Monastério de Maribo* (1882), óleos sobre tela.

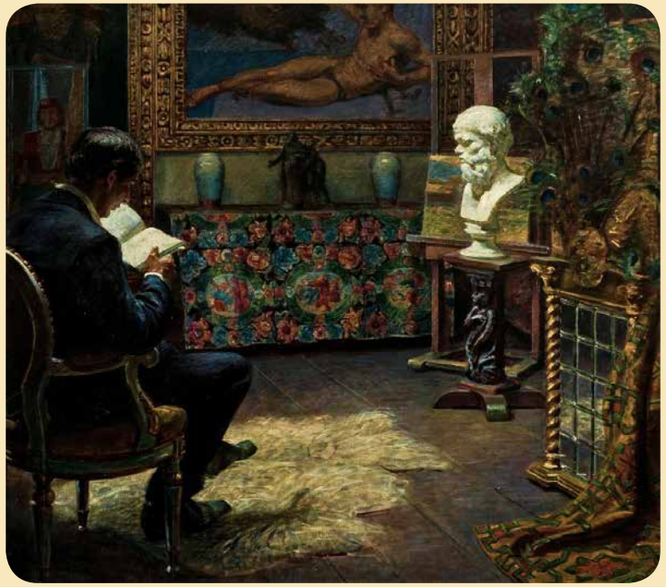
No final de 1875, viajou para a Itália e, fascinado pela vida cotidiana, pelo forte sol italiano, pelas cores vivas e pelo esplendor exótico dos rituais da Igreja Católica Romana, acabou residindo no país por três anos, onde produziu uma série de pinturas. Retornou à Itália muitas vezes e chegou a ter casa na cidade montanhosa de Civita d'Antino, uma cidade montanhosa onde montou uma colônia de artistas anual e foi nomeado cidadão honorário em 1902.

De 1885 a 1908, Zahrtmann fez parte do corpo docente da *Kunstnernes Frie Studieskoler* (Escolas Gratuitas para Artistas), uma instituição que buscava ser uma alternativa ao programa educacional rígido da Academia de Arte. Em 1891, estabeleceu a "Exposição Livre" como espaço de exposição alternativo ao circuito oficial – fundamental para permitir que as vanguardas artísticas se afirmassem na Dinamarca – e, em 1893, tornou-se chefe da Classe Preparatória, que sob ele se tornou um departamento independente. Por causa de sua proeminência como professor, a escola chegou a ser chamada de "Escola de Zahrtmann".

Zahrtmanm foi muito premiado ao longo de sua carreira: por exemplo, em 1887, sua pintura *Jó e seus amigos* lhe rendeu o Medalhão de Ouro da Academia dinamarquesa, e, em 1900, recebeu um Medalhão de Bronze na Exposição Mundial de Paris. Porém, em 1904, ocorre uma mudança na aceitação das produções de Zahrtmann. Após a exibição de *Prometeu*, suas obras foram

Jó e seus amigos, óleo sobre tela, 1887.

classificadas como "escandalosas violações da decência pública" durante o Debate Escandinavo sobre Moralidade Sexual* por causa da nudez masculina apresentada e do suposto teor queer sustentado por rumores de sua sexualidade. O impacto de *Prometeu* foi tão grande que ele decidiu pintá-lo em outras obras, fosse influenciando e/ou provocando, como em *Interior com jovem leitor* (1912) e *Na sacristia* (1913).

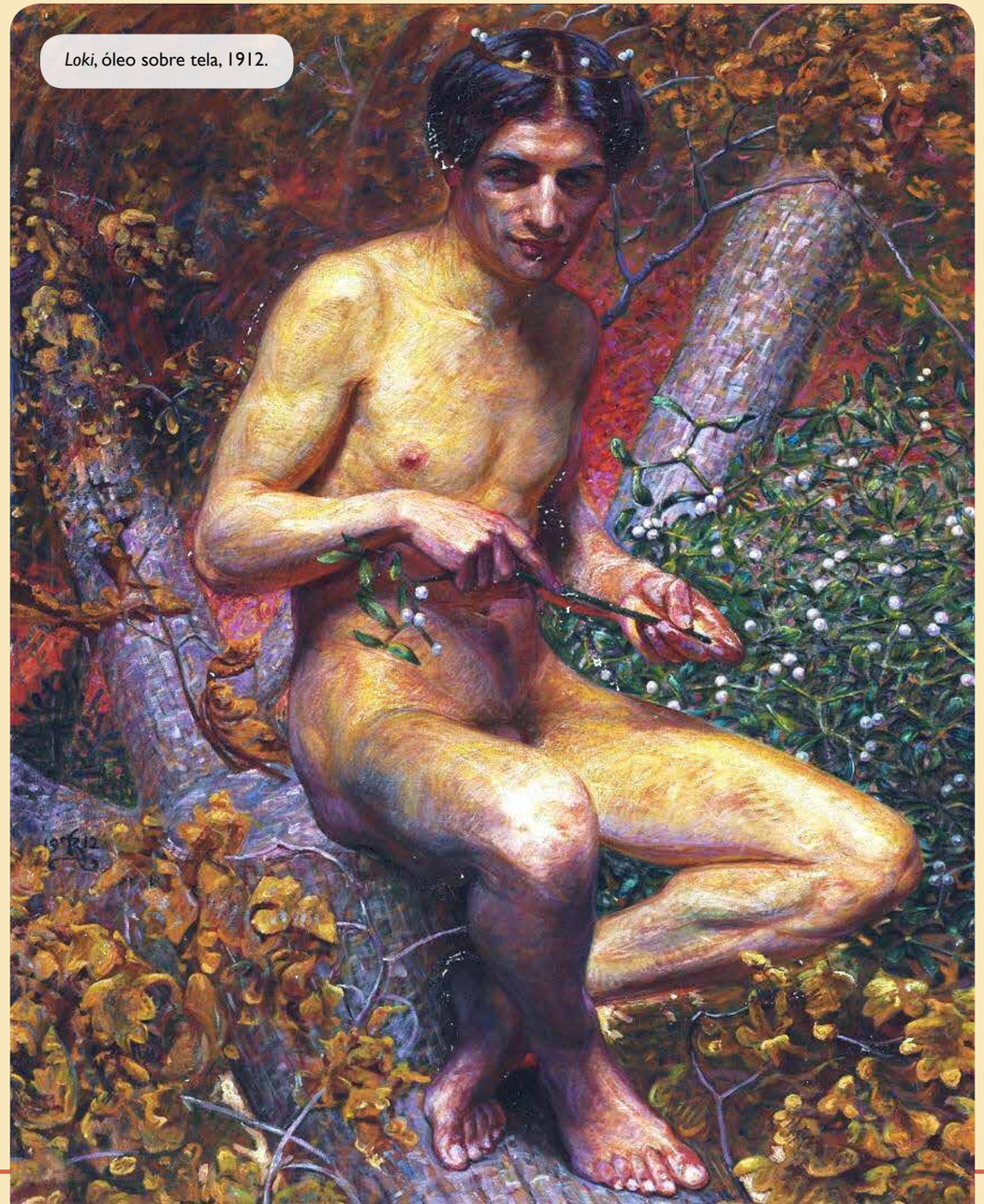


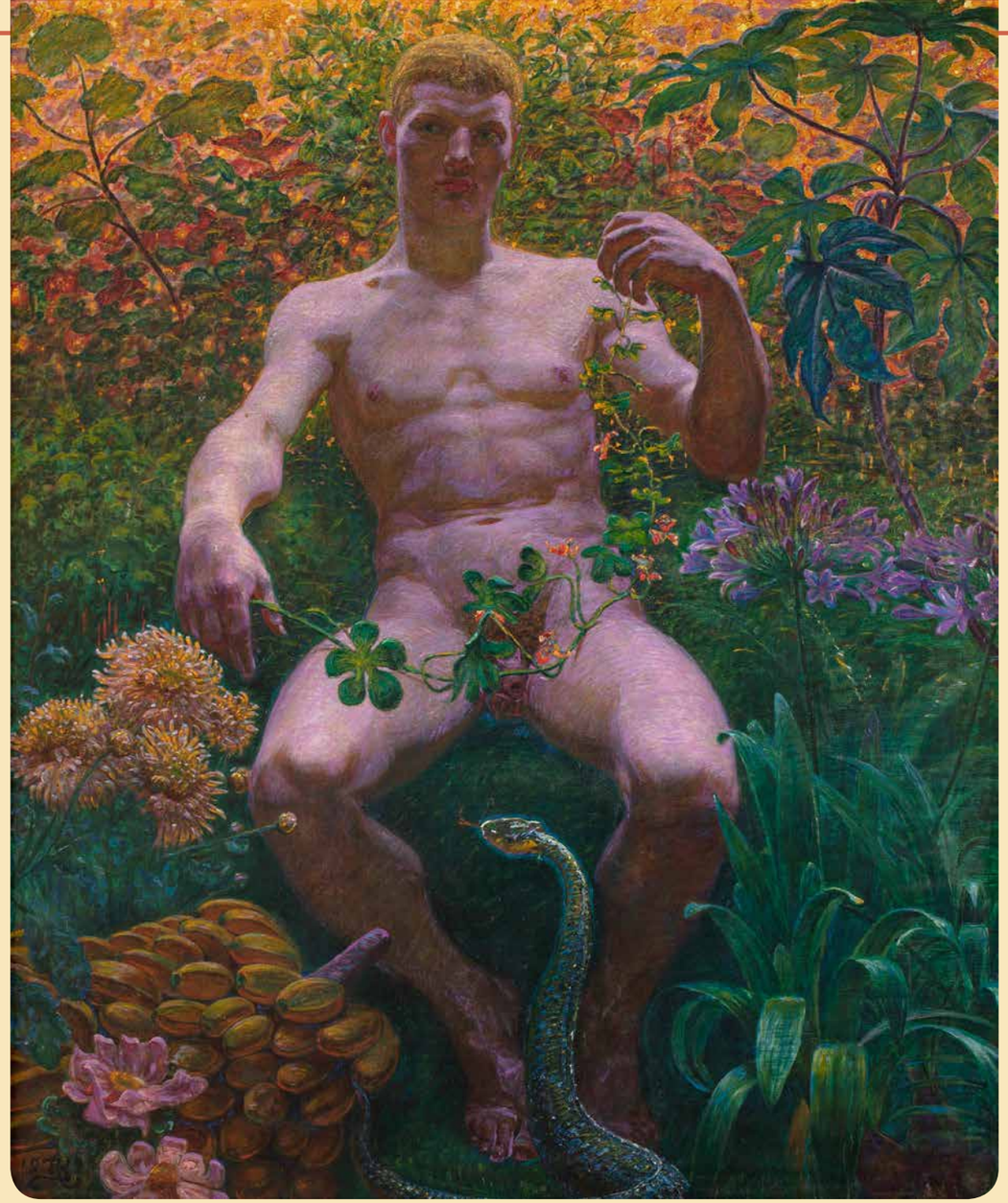
* Debate público (em jornais, revistas e peças teatrais) nos países escandinavos a partir da década de 1880 sobre a sexualidade e a moral. A principal crítica era aos duplos padrões sexuais da época, em que era socialmente aceitável que os homens tivessem experiência sexual pré-marital, enquanto se esperava que as mulheres fossem virgens, e a sanção da prostituição como um "mal necessário". Uns achavam que os homens deveriam se manter virgens antes do casamento e outros achavam que as mulheres deveriam desfrutar da mesma liberdade sexual masculina.

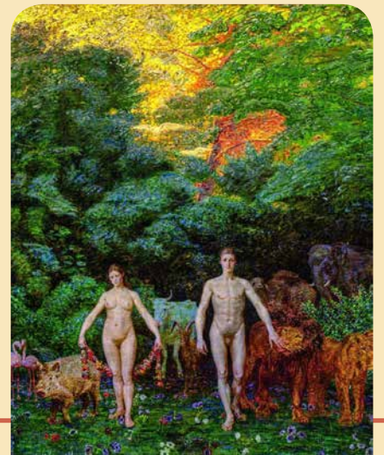
Interior com jovem leitor (1912) e *Na sacristia* (1913), óleos sobre tela onde aparece a pintura *Prometeu* ao fundo.

Zahrtmann também fez *Loki* (1912) e *Adão no Paraíso* (1914), para muitos, uma afirmação intencional de sua abordagem homoerótica que aludia os preceitos do Romantismo através dos cânones artísticos referentes à nudez mitológica. Enquanto seu Loki exalava toda a sensualidade ambígua essencial ao personagem, seu Adão parecia estar muito bem com a serpente e sem Eva que ele havia pintado em 1892. O pintor também desafiou os padrões de gênero ao masculinizar o corpo feminino em *Fenja e Menja acorrentadas moendo ouro para Frode Fredegod* (1906) e *Susana em seu banho* (1907), e afrontou a igreja com *Jesus nu se revela para Santa Catarina* (1913).

Loki, óleo sobre tela, 1912.



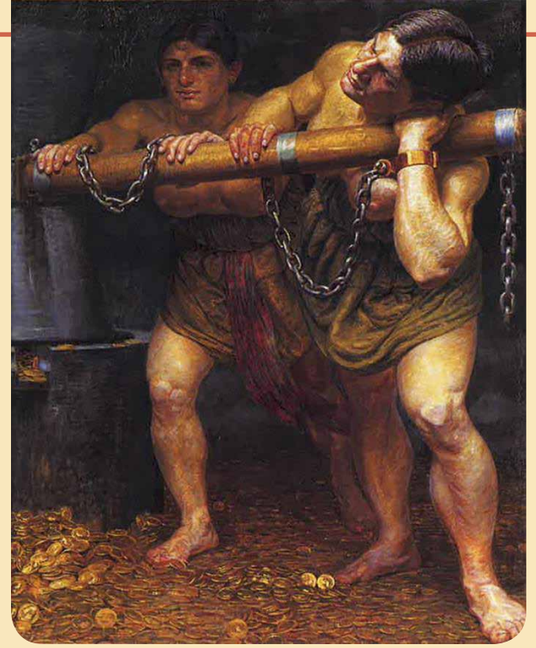


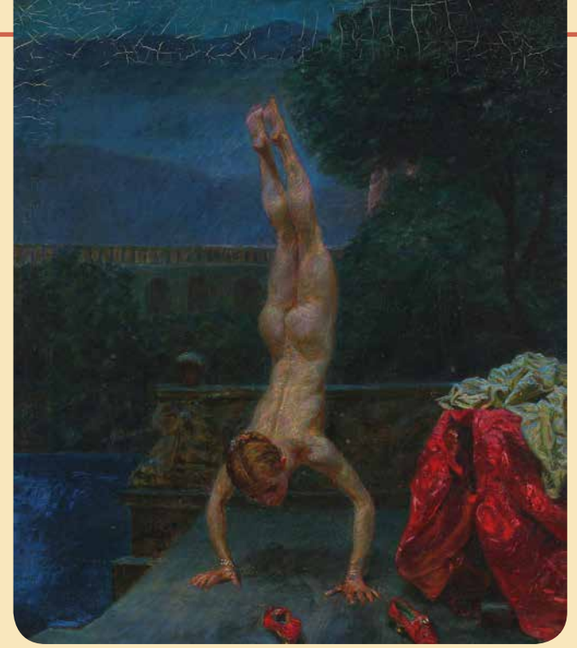


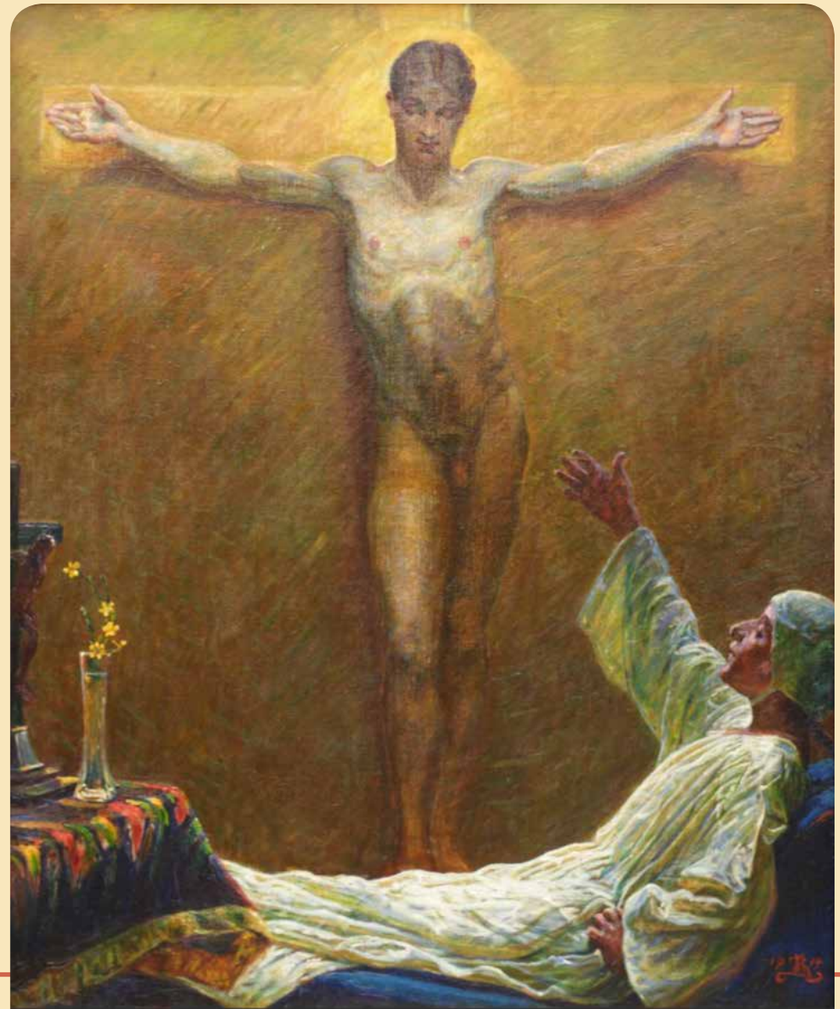
Acima: *Adão no Paraíso*, óleo sobre tela, 1914.

Ao lado: *Adão e Eva no Paraíso*, óleo sobre tela, 1892.

Foto: Modelo se preparando para posar como Adão no estúdio de Zahrtamnn (1914).



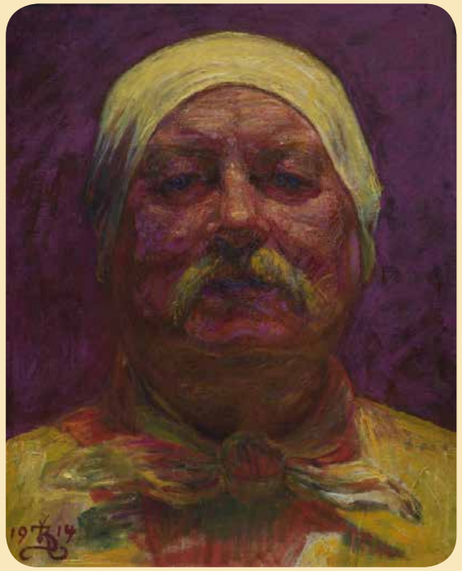




Acima: *Fenja e Menja acorrentadas moendo ouro para Frode Fredegod* (1906) e *Susana em seu banho* (1907), óleos sobre tela.

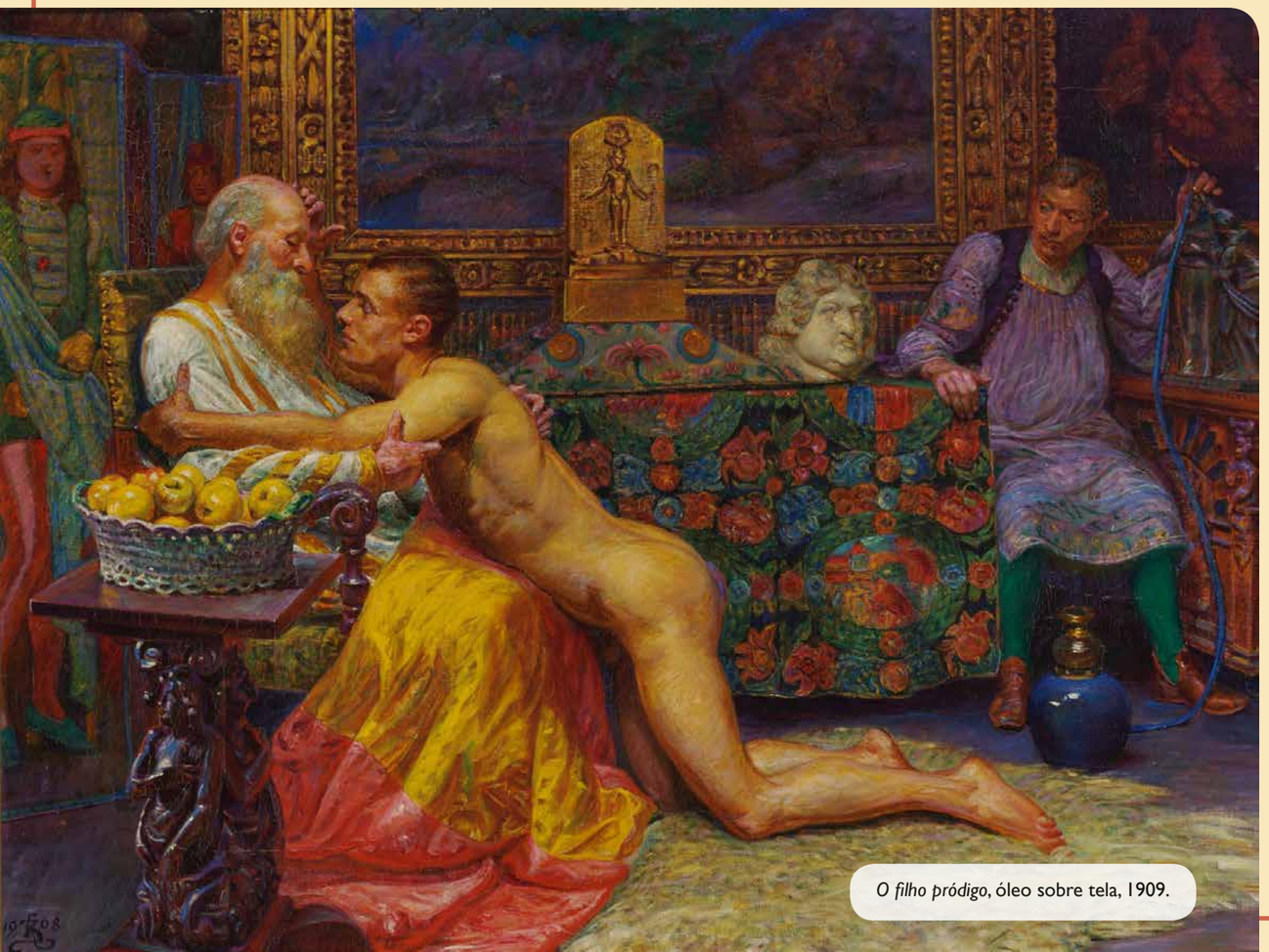
Ao lado: *Jesus nu se revela para Santa Catarina*, óleo sobre tela, 1913.

Foi também nesse período – próximo aos seus setenta anos e já com sua carreira consolidada – que o pintor começou a produzir inúmeros autorretratos e alguns historiadores acreditam que tanto a representação do corpo masculino quanto à sua imagem eram um apontamento aos seus desejos mais íntimos. Isso fica explícito na obra *Filho Pródigo*, onde a parábola bíblica adquire tons homoeróticos e Zahrtman se coloca no lugar do homem mais velho que recebe um jovem nu em seus braços, e também na frequente representação de Sócrates, um filósofo grego que viveu cercado de jovens alunos em um período que a relação entre dois homens tinha outra conotação. Seu fascínio pela princesa Leonora Ulfeldt poderia ser até uma metáfora para isso: por causa de um amor traidor, a donzela é isolada e acaba sozinha, como Zahrtmann.



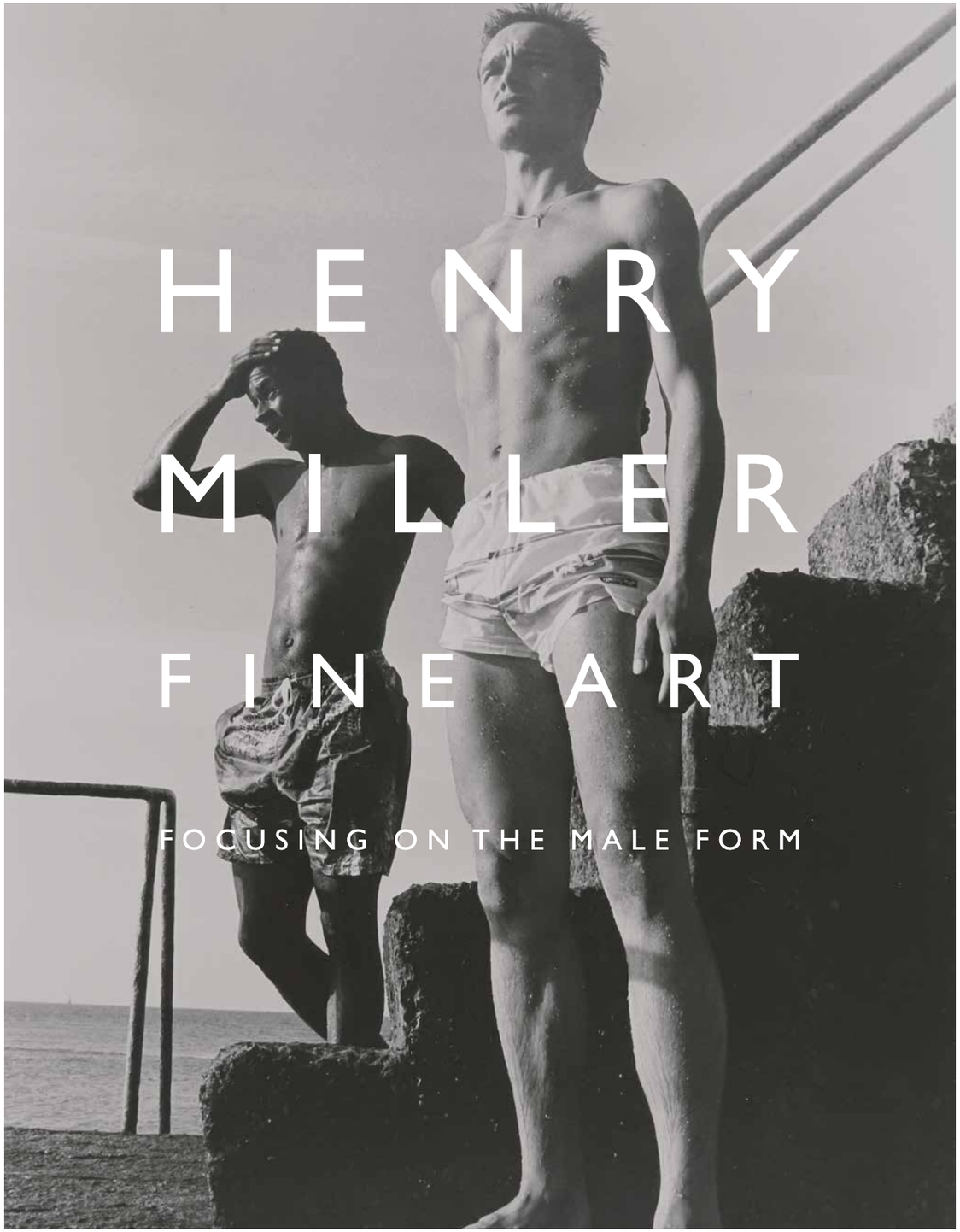
Autorretrato, óleo sobre tela, 1914.

Sócrates e Alcebíades, óleo sobre tela, 1911.



O filho pródigo, óleo sobre tela, 1909.

Em junho de 1917, Zahrtmann foi hospitalizado com apendicite e acabou falecendo cinco dias depois. Por ter lecionado durante anos, seu legado permaneceu no desenvolvimento da arte dinamarquesa, mas caiu em um desconhecimento mundial por causa das grandes guerras europeias e das políticas conservadoras. Hoje alguns historiadores da arte apontam seu uso ousado de cores como uma antecipação do Expressionismo em terras escandinavas. **8=D**



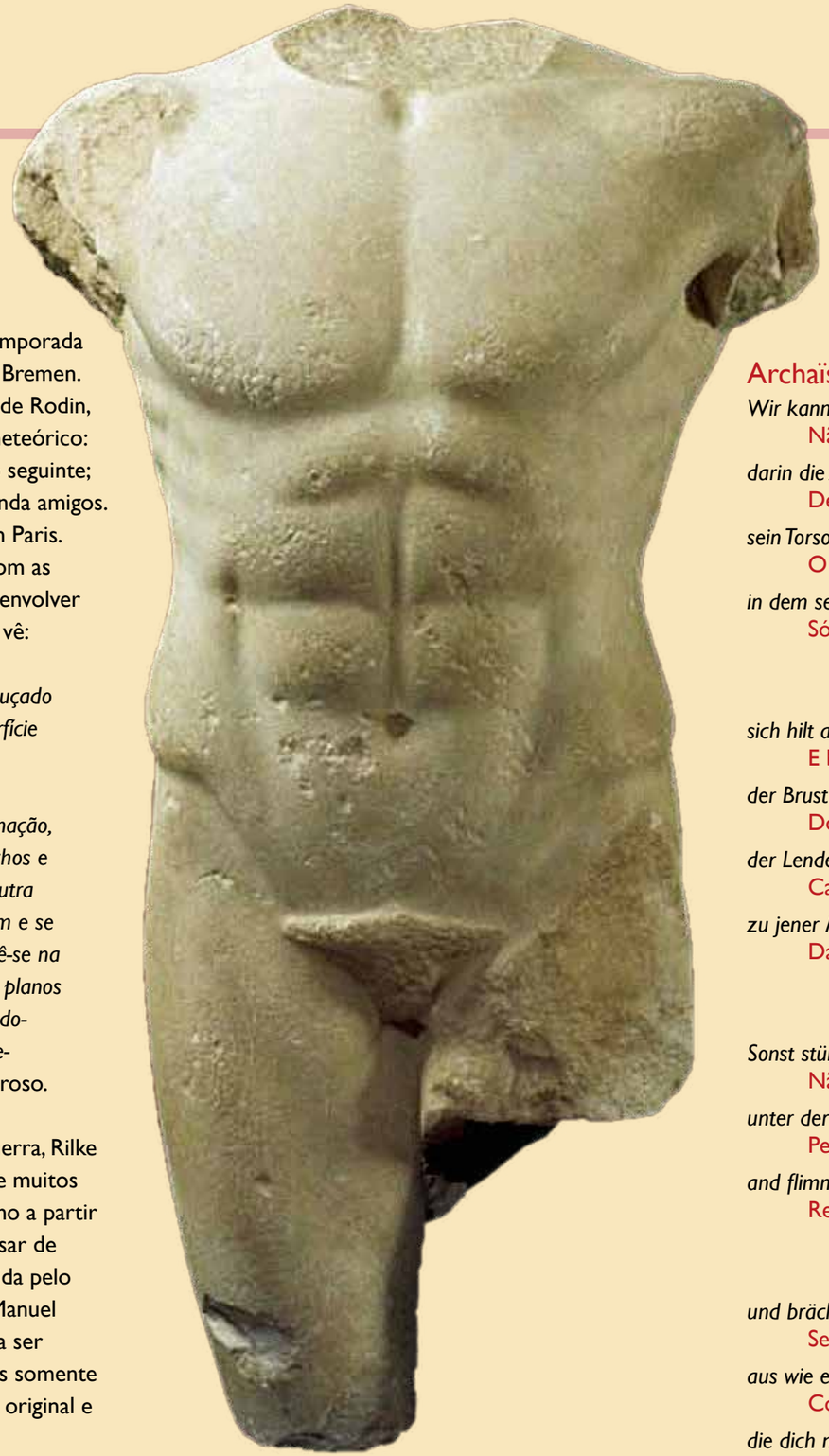
WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290

Falo em Foco

Pierre, acrílica sobre papel de Ian Cook, 2017.

Torso Arcaico de Apolo

por Filipe Chagas



O poeta **René Karl Wilhelm Johann Josef Maria Rilke** (1875-1926) teve uma infância complicada. Seu pai era um militar aposentado que se separou da família quando ele tinha oito anos. Sua mãe era uma mulher dominante que, para compensar a perda de sua primeira filha (falecida muito cedo), deu a seu segundo filho o nome de René Maria e o criou vestido de menina. Esse comportamento feminino imposto criou uma aversão constante de Rilke para sua mãe e, de 1915 até o fim de sua vida, o poeta não teve contato com ela (e ela também não se manifestava publicamente sobre ele). Já jovem e livre da influência materna, Rilke também precisou enfrentar os desejos paternos para que seguisse carreira militar e se "transformasse em homem". Após cinco anos, Rilke saiu por doença (mais tarde, descobriu-se que ele tinha leucemia, a qual ele veio a falecer).

Disso tudo surgiu uma personalidade rebelde potente que o emancipou dos sonhos alheios e o tornou um errante que estudou literatura, história da arte e filosofia em Praga, Munique e Berlim. Em 1894, escreveu seu primeiro livro de poemas de amor. Três anos depois, conheceu a escritora russa Lou-Andreas Salomé, que sugeriu que ele mudasse seu nome para algo mais "forte, masculino e germânico" e, assim, René passou a Rainer. O poeta viajou, então, para a Rússia a convite da escritora e seus versos ganharam um teor mais espiritual.

Em 1900, o poeta permaneceu uma temporada em uma colônia de artistas próxima a Bremen. Lá conheceu Clara Westhoff, ex-aluna de Rodin, com a qual teve um relacionamento meteórico: se casaram e tiveram uma filha no ano seguinte; em 1902, já estavam separados, mas ainda amigos. Ambos foram trabalhar com Rodin em Paris. Na França, Rilke entrou em contato com as vanguardas artísticas e começou a desenvolver sua produção artística a partir do que vê:

> *A visão torna-se seu sentido mais aguçado e penetrante e ele vê não só a superfície exterior das coisas, mas igualmente o interior delas e, mais além, um superinterior, recriado em sua imaginação, que lhes atribui – às plantas, aos bichos e às pessoas – uma outra vida, uma outra forma, uma outra substância. Vai além e se incorpora ao objeto de sua visão e vê-se na coisa vista, e nela atua nesses vários planos existenciais, crescendo-planta, andando-pantera, falando-fonte, queimando-se-fósforo.* – Análise do poeta Ivo Barroso.

Nesse período anterior à Primeira Guerra, Rilke escreveu ***Torso arcaico de Apolo***, que muitos acreditam ser um soneto para si mesmo a partir da relação desgastada com Rodin. Apesar de Rikle ter sua obra amplamente traduzida pelo mundo, foi o grande poeta brasileiro Manuel Bandeira que deixou de ser literal para ser poético em sua tradução de 1948 (mas somente publicada em 1956). A seguir, o poema original e a de Bandeira:

Archaïscher Torso Apollos

Wir kannten nicht sein unerhörtes Haupt,
Não sabemos como era a cabeça, que falta,

darin die Augenäpfel reiften. Aber
De pupilas amadurecidas, porém

sein Torso glüht noch wie ein Kandelaber,
O torso arde ainda como um candelabro e tem,

in dem sein Schauen, nur zurückgeschraubt,
Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

sich hilt and glänzt. Sonst könnte nicht der Bug
E brilha. Se não fosse assim, a curva rara

der Brust dich blenden, and im leisen Drehen
Do peito não deslumbraria, nem achar

der Lenden könnte nicht ein Lächeln gehen
Caminho poderia um sorriso e baixar

zu jener Mitte, die die Zeugung trug.
Da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Sonst stünde dieser Stein entstellt and kurz
Não fosse assim, seria essa estátua uma mera

unter der Schultern durchsichtigem Sturz
Pedra, um desfigurado mármore, e nem já

and flimmerte nicht so wie Raubtierfelle;
Resplandecera mais como pele de fera.

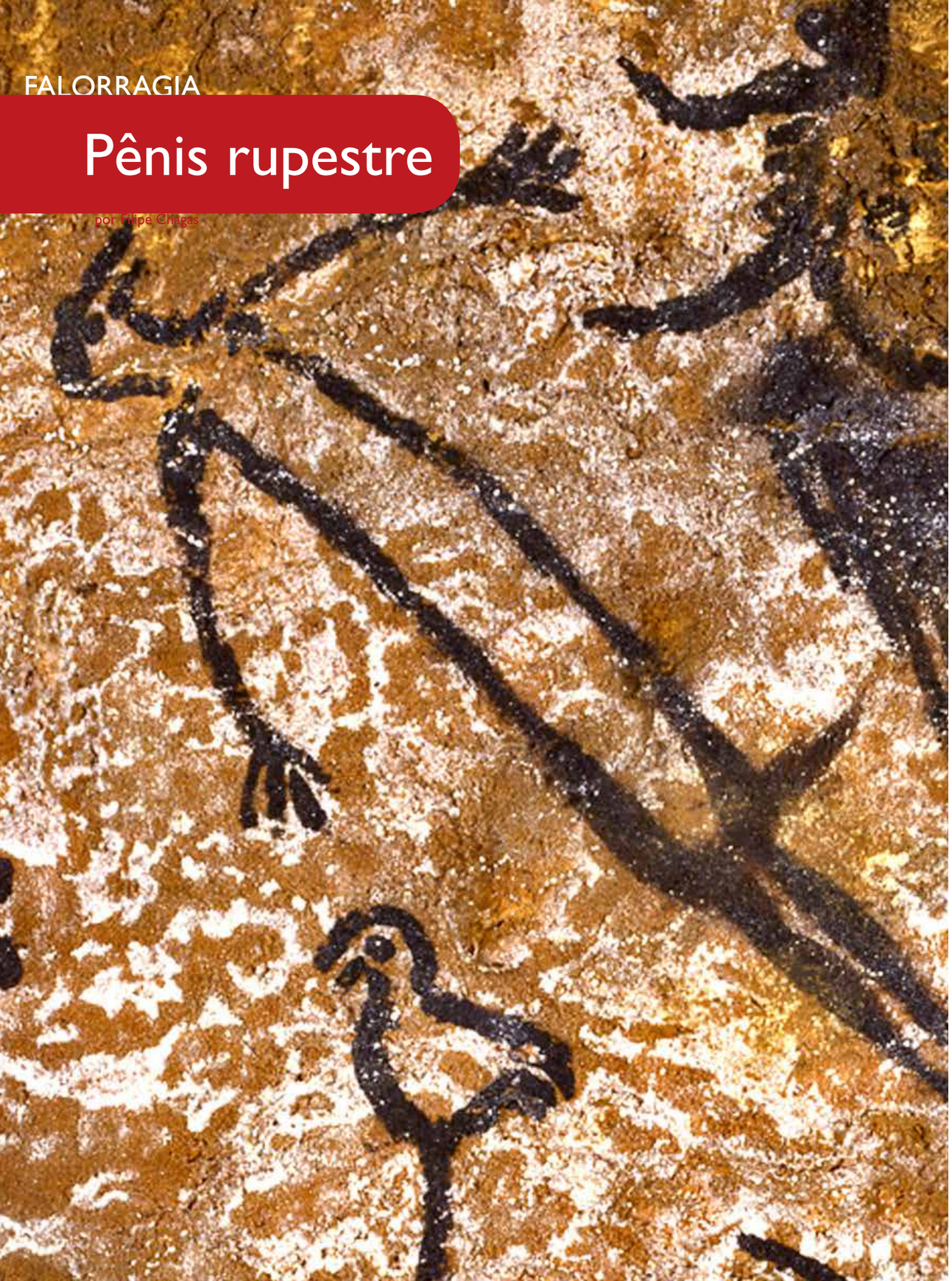
und bräche nicht aus alien seinen Rändern
Seus limites não transporia desmedida

aus wie ein Stern: denn da ist keine Stelle,
Como uma estrela; pois ali ponto não há

die dich nicht sieht. Du musst dein Leben ändern.
Que não te mire. Força é mudares de vida.

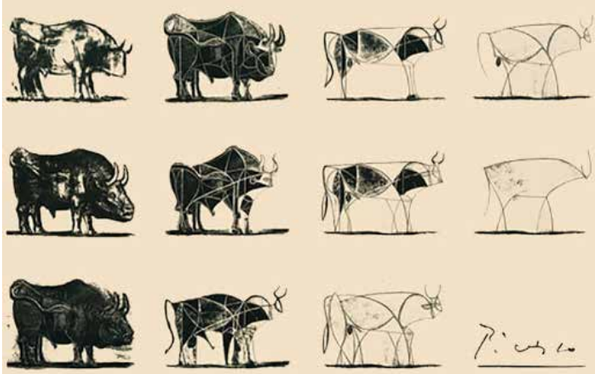
Pênis rupestre

por Filipe Chagas



Durante o período do Paleolítico Superior (por volta de 40.000 a.C.), o homem de Neandertal começou a ser substituído por uma versão do *Homo sapiens*. A arte produzida por esses homens "modernos" chamou a atenção, especialmente nas paredes e tetos da Gruta de Lascaux (França) e da Gruta de Altamira (Espanha), que contêm alguns dos maiores exemplos de arte rupestre*, datando entre 17.000 e 15.000 a.C.

Descoberta em 1940 por quatro adolescentes, a **Gruta de Lascaux** estende-se por cerca de 240 metros em suas galerias e contém cerca de 2000 imagens, sendo aproximadamente 900 animais (entre eles a maior imagem única já encontrada em uma caverna pré-histórica, o *Grande Touro Negro*), um raro exemplo de uma figura humana e o restante de misteriosos signos geométricos e abstratos ainda não decifrados.



* Ambas as grutas já foram chamadas de "Capela Sistina Pré-História" por conta do realismo, das cores e do provável uso de andaimes primitivos. É preciso ter em mente tanto as condições adversas em que essas artes foram produzidas (péssima iluminação e temperatura – com mãos sem dedos marcados em barro e até mesmo polegares perdidos), quanto o nível intelectual necessário para fabricar as ferramentas de pintura e gravação, selecionar e preparar os pigmentos a partir de minerais locais, conhecer os diferentes tipos de suporte/superfícies e gerar uma imagem simbólica com significado efetivo. Picasso visitou Lascaux pouco depois da inauguração à visitação, em 1948, e ficou tão surpreso com a qualidade da arte rupestre que declarou que o homem não havia aprendido nada de novo desde então.

O Grande Touro Negro.

Logo na entrada – o **Salão dos Touros** – são vistos o *Friso dos Cavalos Negros*, o *Friso dos Pequenos Veados*, cabeças de cerca de seis touros, um cavalo sem cabeça, um urso e até um misterioso "unicórnio". Em seguida, a **Galeria Axial** – considerada o apogeu da arte rupestre parietal – possui todos os animais pré-históricos clássicos representados em um redemoinho de grandes obras de arte: o *Touro Negro* (com 5 metros de comprimento), os *Três Cavalos Chineses*, a *Vaca que Cai* e o *Cavalo de Cabeça para Baixo*, entre muitos outros. Uma outra **passagem** toda pintada* – que também possui imagens notáveis, como uma procissão de cavalos gravados, um cavalo com o pé voltado para trás e um cavalo barbudo – se abre em dois salões, a Abside e a Nave.

* A principal técnica usada em Lascaux foi o sopro de pigmentos coloridos pulverizados em um tubo feito de madeira, osso ou junco.

Acima, uma vista do Salão dos Touros.
Ao lado, o *Cavalo de Cabeça para Baixo.*

Uma vista da abside.

* Petróglifos são imagens entalhadas nas pedras, ou seja, feitas com o uso de uma ferramenta de raspagem e que aparecem ou pela diferença de cor entre a superfície da perda e seu interior ou pelo próprio relevo criado.

Os estudiosos acreditam que a **Abside** era o coração de Lascaux devido ao número de gravuras (cerca de 500 animais, principalmente cervos, e 600 sinais), artefatos cerimoniais e pegadas de prováveis iniciados encontrados no salão semi-esférico. Além do *Veado Maior* (o maior petróglifo* de Lascaux), e o *Cavalo Amarelo*, é nesta parte da caverna que se encontra um buraco no chão que dá para uma caverna adjacente, a mais profunda do sítio arqueológico, chamada de Grande Fissura ou o Poço, onde se encontra um dos pictogramas rupestres mais raros já descobertos: uma narrativa com uma figura humanoide.

A cena mostra um bisão apunhalado por uma lança (com as tripas pra fora) e uma figura humanoide com cabeça de pássaro e quatro dedos em cada mão em um angulação com o bisão como se estivesse sendo atacado pelo animal. Completa a cena um pássaro sobre uma linha reta. Também chama a atenção a representação de um pênis aparentemente ereto na figura humanoide, o que acaba determinando o seu gênero. Em inglês, essa pintura é chamada de *Shaft of the Dead (or Wounded) Man* e isso causa uma dupla interpretação: "shaft" tanto pode ser "cajado" (podendo fazer referência ao pássaro sobre a linha reta e, talvez, a algum culto envolvendo aves, que em algumas culturas eram considerados condutores de almas), ou "lança" (remetendo à luta com o bisão), ou até mesmo "pênis". Caso seja esse último significado, acredita-se que a representação do pênis tenha sido a forma encontrada para diferenciar o macho da fêmea na espécie e não uma ereção.

E também seria o primeiro registro de um pênis (ereto ou não) na história da humanidade!

Bisão Cruzado.

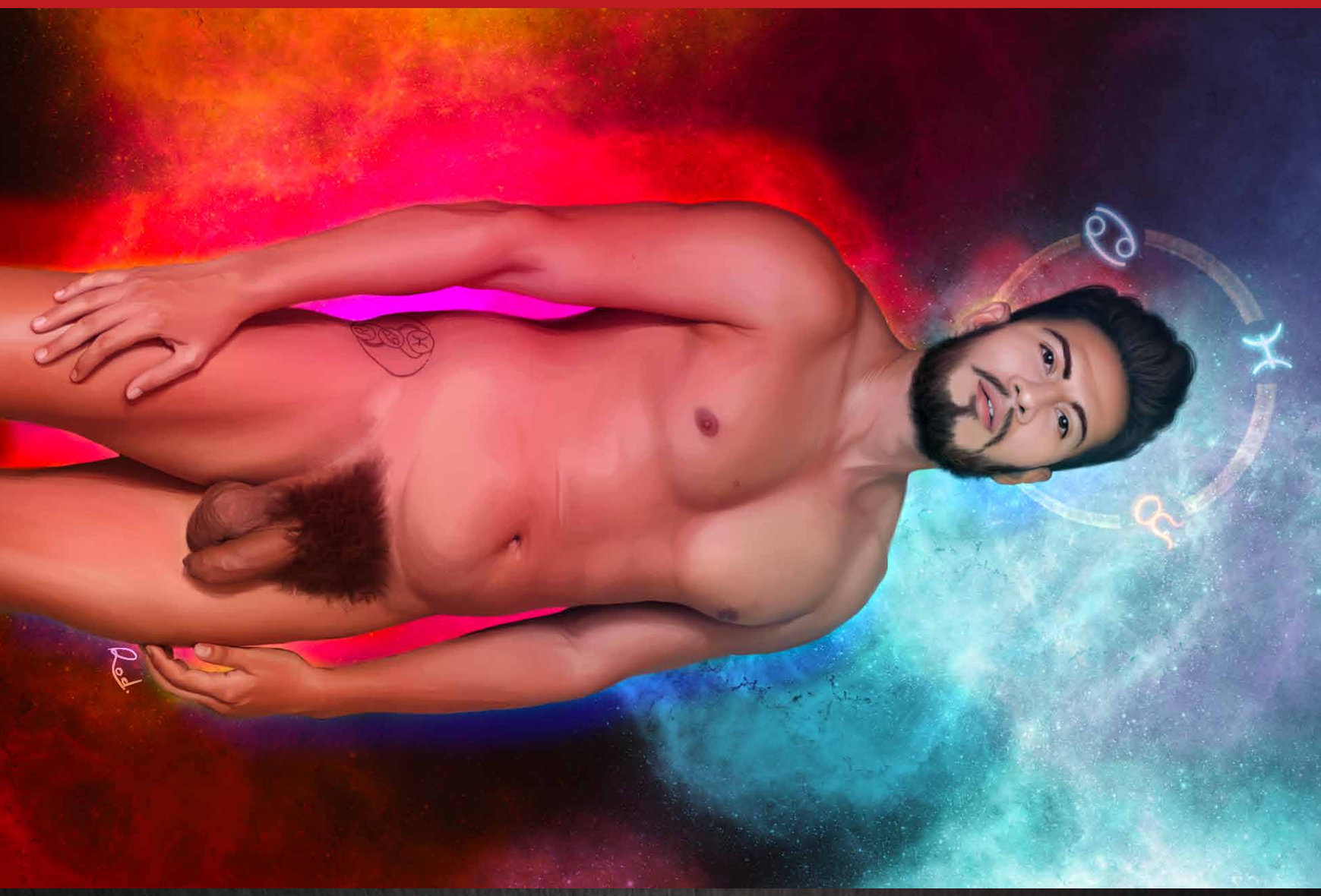
A **Nave** é a parte da caverna com mais gravações por ter uma rocha mais macia. Nela são encontrados o *Painel das Impressões* (incomum pelos símbolos e sinais), a *Grande Vaca Negra*, o *Bisão Cruzado* (extraordinário exemplo de perspectiva, especialmente nas pernas dos animais*) e o *Friso dos Veados Nadadores*, retratados nadando em um riacho imaginário. Da Nave é possível visitar a **Galeria Mondmilch** (Leite Lunar) que não possui decoração por ser feita de estalagmites de cor leitosa. Essa galeria leva a **Câmara dos Felinos** que, por suas dimensões estreitas e declive acentuado, só pode ser visitada engatinhando e, talvez por isso, as principais imagens sejam de felinos, inclusive a gravura de leões acasalando.

Em 1963, Lascaux foi fechada por problemas de conservação ambiental (como, por exemplo, a deterioração por dióxido de carbono exalado pelos 1.200 visitantes diários) e, em 1979, Lascaux foi adicionado à lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO para garantir sua preservação. Hoje a visitação é feita em uma "caverna réplica" feita em 1983 e somente cientistas possuem autorização para entrar em alguns dias específicos do ano na real. **8=D**

* Os animais eram representados com suas cabeças mostradas de perfil, mas com seus chifres pintados de frente, a princípio, para conferir maior poder visual às figuras. Esse uso combinado de perfil e frontalidade é uma característica comum vista na arte mesopotâmica e egípcia.

Friso dos Veados Nadadores.

Gato de Praia
Para todas as cores,
Modelo: @dbarcelosmodel

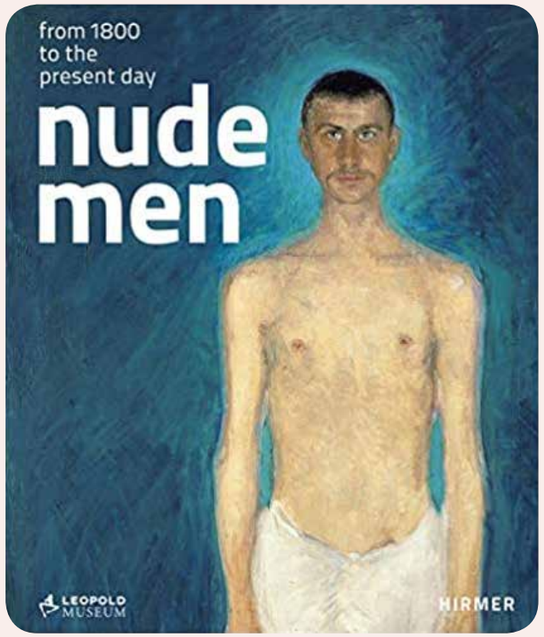


Nude Men

From 1800 to the present day

Catálogo de exposição no Leopold Museum (Viena, Áustria, 2012/2013)

Antes de falar deste livro, é preciso falar da exposição que o gerou. Em outubro de 2012, o Leopold Museum em Viena, Áustria, abriu a exposição Nude Men – From 1800 to the present day (Homens nus – De 1800 aos dias de hoje), que ficou aberta até março de 2013. O corpo nu da mulher sempre foi o alvo de exposições e estudos (podemos discutir por horas o machismo estrutural), enquanto o nu masculino só era legitimado pela arte clássica, mesmo ele tendo sido a base da formação acadêmica tradicional. Portanto, essa exposição foi algo SEM PRECEDENTES na história da Arte e da museologia!

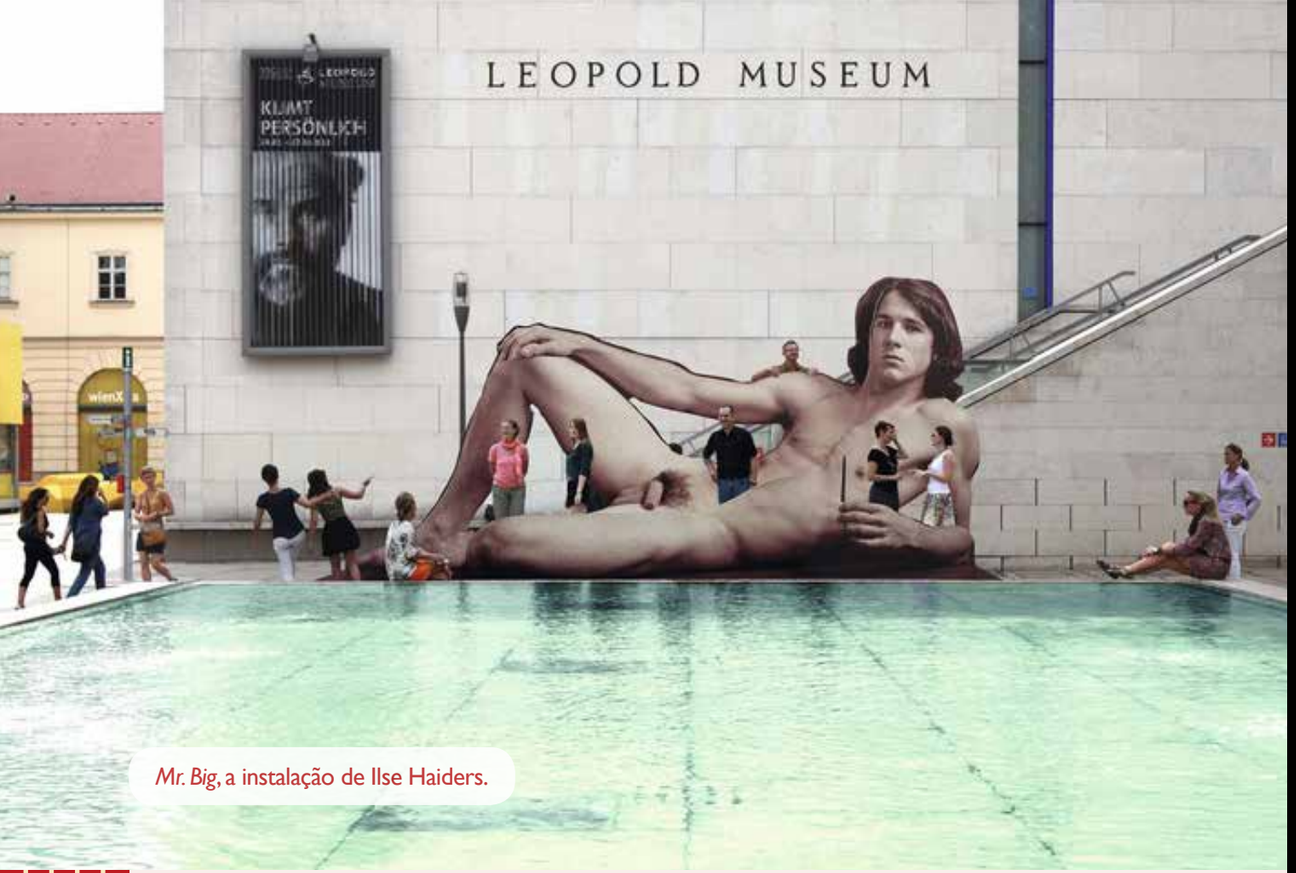


Acima, capa do catálogo;
abaixo, primeira sala da exposição.

Apesar do subtítulo determinar um alcance cronológico do que seria exposto, havia desde obras das civilizações antigas (Grécia, Egito), quanto pinturas e esculturas do Renascimento como referência às obras de 1800 até o século 21. Era possível ver diferentes estratégias artísticas que reinterpretavam o nu, ideias conflitantes do modelo masculino ideal, bem como mudanças no conceito de beleza, imagem corporal e valores, através de obras de Egon Schiele, Richard Gerstl, Paul Cézanne, Auguste Rodin, Albrecht Dürer, Peter Paul Rubens, Robert Mapplethorpe, Keith Haring, Andy Warhol, Edvard Munch, entre muitos outros!

Claro que na época sofreu censura e crítica de todos os lados (inclusive – óbvio – das redes sociais). Vereadores locais tiveram que acatar as reclamações públicas e mandaram cobrir os genitais expostos nos cartazes da exposição. Entretanto… é aquilo, né… quando Manet deslocou o nu para o cotidiano com suas obras "Olímpia" e "Almoço na Relva", lá no século 19, causando um escândalo, porém fazendo o público correr pra ver o Salão dos Recusados onde suas obras apareciam, o resultado dessa censura foi… QUEBRA DE RECORDE DE PÚBLICO!

Se você pensa que ficou só nisso, está enganado. A ousadia da curadoria foi além: convidou a artista Ilse Haiders para fazer uma intervenção na escada rolante de acesso ao museu: um enorme nu frontal masculino (chamado de "Mr. Big") foi aplicado e as pessoas precisam passar por dentro dele! E, sendo coerente com a temática, ainda ofereceu visitação noturna com grupos de naturistas! Absolutamente genial!



Mr. Big, a instalação de Ilse Haiders.

Chegando finalmente ao catálogo… o conteúdo é ímpar para quem estuda o assunto. São artigos ilustrados de excelente qualidade que se debruçam sobre as obras e sobre esse tema negligenciado por anos por um academicismo retrógrado e – claro – machista. O valor do catálogo é alto, mas o investimento não tem preço. É o registro de um evento de extrema relevância na história da Arte ocidental.

Vai dizer que não ficou com vontade de voltar no tempo e estar em Viena no outono/inverno de 2012? Ou até mesmo em Paris no ano seguinte, quando o Museu D'Orsay, ciente da magnitude da exposição, em acordo com o Leopold Museum, a levou para seus salões de setembro de 2013 até janeiro de 2014. Eu já teria separado as luvas e o cachecol. Se bem que eu teria encarado a visita noturna, acreditando na calefação do museu. **8=D**

DIZEM QUE, SE O SEU PÊNIS PENDE PARA A DIREITA, VOCÊ É REAÇA!
E SE PENDE PARA A ESQUERDA VOCÊ É COMUNISTA!
E SE APONTA PARA CIMA?
SIGNIFICA QUE VOCÊ É UM ALIENADO E NÃO ESTÁ PENSANDO EM POLÍTICA!
ADÃO

Marlon THOR

Por Rigle Guimarães

Psicólogo (CRP 122809/6) e Sexólogo

Viciei em pornografia. E agora?

Há indícios de que a pornografia é consumida desde os povos gregos há milhares de anos atrás, mas só se configurou como um problema atualmente por conta da quantidade e variedade infinita de estímulos acessíveis a qualquer hora do dia através da tecnologia. Diferente do que acontece com o vício em comida ou drogas, onde há um limite de consumo que pode gerar aversão, não existe um limite prático de consumo de pornografia na internet. Os mecanismos naturais de saciamento do cérebro não são ativados e, mesmo depois de gozar, a pessoa fica inclinada a cada vez mais buscar cenas de sexo para se excitar e fazer o corpo liberar dopamina, substância responsável tanto por despertar prazer quanto por desenvolver vício.

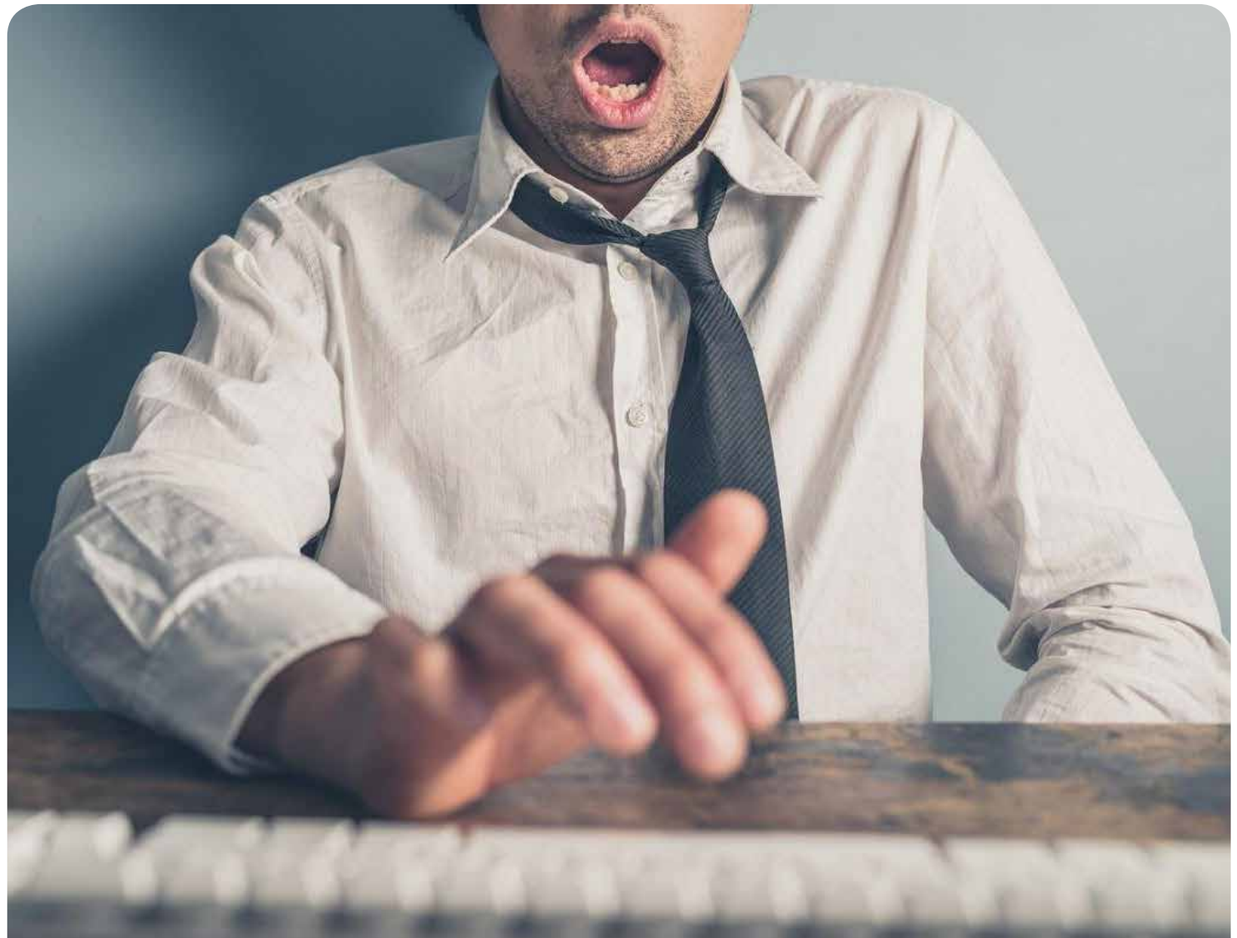
O vício em pornografia é algo muito sério e traz consequências às vezes devastadoras na vida de quem o possui. Há relatos – principalmente de homens – que perdem o interesse na parceria ou que não conseguem ter satisfação na vida sexual por conta das idealizações criadas por esse material. Eles acabam se acostumando a escolher imagens fabricadas de pessoas (corpos funcionando como máquinas de prazer) e situações irreais (sexo perfeito), causando, assim, frustração, sentimentos de inadequação e outros problemas que permeiam disfunções sexuais associadas à ansiedade e à depressão. Os relatos mostram que o sexo real se torna chato quando comparado ao pornô.

Entretanto, tudo nos filmes de sacanagem é muito pronto e "perfeito". Problemas cotidianos que acometem as pessoas na hora do prazer nunca são explorados: o nervosismo de um encontro sexual, o possível desconforto na penetração, as estrias e celulites, as dificuldades de ereção ou para colocar o preservativo, a timidez, a vontade de ir ao banheiro que pode surgir na hora H, dentre outras milhares de situações e acontecimentos sempre presentes na vida real.

A pornografia é divertida, mas tem outra função no mundo contemporâneo: servir para dar a ilusão de controle (principalmente) aos homens heterossexuais, sempre retratados dentro de uma cultura machista como soberanos, já que vem perdendo cada vez mais espaço para as mulheres. No terreno de homens e mulheres gays, ela alimenta o anseio por corpos e pessoas dentro de um padrão que dificilmente será encontrado na vida real. Afinal, as pessoas estão atuando!

E falando em atores e atrizes, existem inúmeros relatos sobre o quão complicado e exaustivo pode ser fazer parte desta indústria. Alguns comentam que não tem como sentir tesão o tempo inteiro para rodar as cenas; muitos ficam doloridos após horas de gravação; a preparação para o sexo anal é iniciada um dia antes da cena e envolve dieta, remédios antidiarreia e muito lubrificante; que gozadas fartas são resultado de seringas cheias de liquido fake; e mais uma infinidade de coisas que desmitificam a fantasia do sexo perfeito que muitos de nós adoramos assistir.

A pornografia também tem sido frequentemente relacionada com violência sexual, abuso sexual infantil, promoção de uma visão negativa e depreciativa do gênero feminino dentro da sociedade moderna (por exemplo: por serem exploradas economicamente, fisicamente coagidas a fazê-lo ou culturalmente associadas a submissão), tratada como um problema de saúde pública, bem como relacionada com a moral das comunidades com conotações de degradação. Porém, para alguns segmentos, ela é percebida de maneira positiva. Os materiais são lidos como uma expressão de fantasia capaz de proporcionar prazer e inibição da agressão sexual, e algumas pessoas chegam a acreditar que ela fortalece as mulheres, libertando-as dos grilhões do pudor social e das restrições antissexuais para o gênero.



Como se livrar do vício?

Tirar a mão do falo, colocar na consciência e buscar uma terapia é um caminho assertivo. Deve-se avaliar o nível de sofrimento próprio com a utilização da pornografia e o auto-prazer, avaliar como a sua forma de se relacionar com o mundo e com o outro estaria sofrendo prejuízo associada a sua necessidade de pornografia.

A pornografia é um mundo de fantasia, logo, viciar-se em pornografia é viciar-se no que de fato não existe, na ficção. Portanto, viver da fantasia é apoiar a sexualidade no intangível, é isolar-se do mundo real, é abrir mão do outro e, sem o outro, sem a troca.

Existem diversas características que compõem o vício em pornografia, mas pra identificar que você está precisando de ajuda, basta observar se os filmes já não estão atrapalhando coisas como as relações interpessoais, horários de compromissos (se atrasar pra bater uma), foco no trabalho e nos estudos e por aí vai. O melhor caminho é descobrir como o vício se desenvolveu, de que maneira você pode diminuir o consumo e dar um reset na mente. Se preciso, busque ajuda.

A ***Falo Magazine*** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais**!

benfeitoria

SEJA MAIS | SEJA UM COLABORADOR!

www.benfeitoria.com/falomagazine

www

AMIGO DA FALO
R$10,00/mês

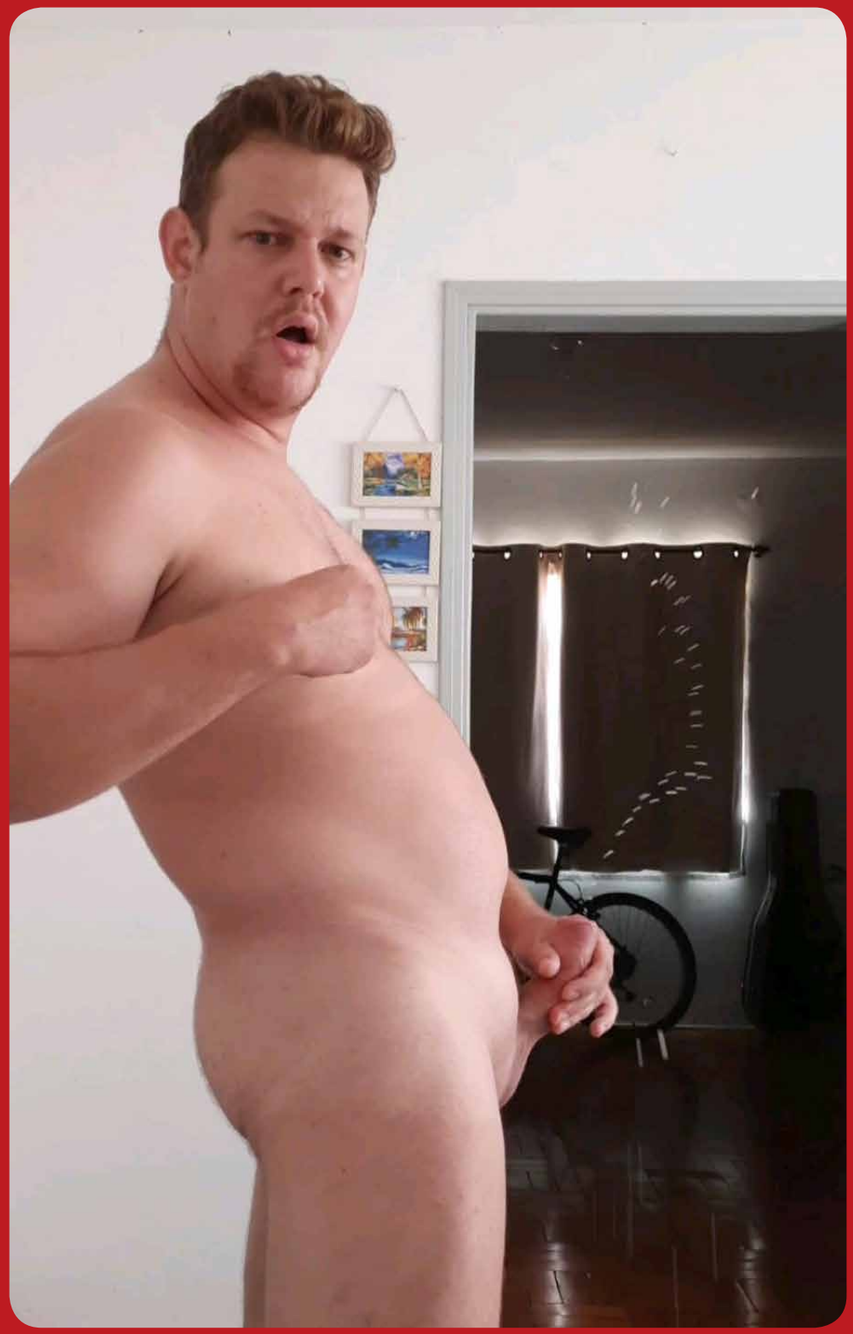
PARCEIRO DA FALO
R$15,00/mês

VIP DA FALO
R$20,00/mês

PATRONO DA FALO
R$50,00/mês

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, **Alexandre Teixeira**, DUOCU, Gabriel França, Giovanni Ravasi, Heráclito Vilaça, Júlio Lima, Marcelo Reider e Orlando Amorim.



Modelo: Domingos Júnior. Foto: Autorretrato.

FALO

ISSN 2675-018X

falonart@gmail.com